



**IX Congresso Latino-Americano de  
Estudos do Discurso ALED 2011**

**1 a 4 nov 2011**

Belo Horizonte - Brasil  
Universidade Federal de Minas Gerais

Discursos da América-Latina:  
vozes, sentidos e identidades

**ALED - Associação  
Latino-Americana de  
Estudos do Discurso**

## **NARRADORES DA CONTEMPORANEIDADE: ECOS DE UMA NARRATIVA<sup>1</sup>**

**CLÁUDIA ALBUQUERQUE DE LIMA<sup>2</sup>**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**

### **Resumo**

Estudo que busca diagnosticar os impactos causados pelas novas formas de expressão na interlocução dos indivíduos da região do Recôncavo da Bahia. Ancorados na Teoria da Narração elaborada por Walter Benjamin, nas compreensões sobre Gêneros Textuais apontadas por Luiz Antônio Marcuschi, com recurso às Teorias do Discurso, cujas bases são sustentadas por Mikhail Bakhtin, e amparados por teóricos da pós-modernidade, verificaremos se a implantação dos novos processos comunicacionais corrobora com o desencantamento das velhas formas narrativas. Ou pelo contrário, se estas ajudam a conservar e a manter viva a habilidade humana de narrar, independente de seus formatos, enredos e linguagens; como a internet onde todos, principalmente os jovens, encontraram espaço para as suas experiências. Os resultados preliminares vêm servindo como amostragem de uma análise sobre o processo de construção das narrativas do indivíduo contemporâneo, na relação com o seu tempo, com a mídia e outras linguagens e identificação destas em seu cotidiano, como as utiliza, as transforma e interage com as múltiplas possibilidades de suportes destes gêneros. Temos verificado que uma parcela considerável dos sujeitos analisados, alunos das graduações do Campus V da UNEB, vem optando em desenvolver a comunhão de maneira dialógica do tradicionalismo de narrativas como a Literatura de Cordel, com as novas formas de expressão; a exemplo da linguagem audiovisual e digital. Tais textos representam ecos das narrativas tradicionais, clássicas ou populares.

**Palavras-Chave:** gêneros do discurso; gêneros narrativos; narradores; mídias.

### **Breve contextualização**

Neste texto analisamos, em termos gerais, como as grandes mudanças globais, as novas formas de comunicação e as novas identidades afetam a capacidade humana em

---

<sup>1</sup> Este artigo contou com a colaboração de Juscineide de Jesus Nascimento e Joelma Sena Gomes - Graduandas do Curso de Letras em Língua Portuguesa e suas Literaturas, da UNEB/Campus V, Bolsistas UNEB vinculadas ao Projeto Produções Narrativas. E-mail: [narradoresdoreconcavo@gmail.com](mailto:narradoresdoreconcavo@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus V), Coordenadora do Projeto Produções Narrativas. Mestre em Comunicação pela UFPE. E-mail: [claudiaalima1969@gmail.com](mailto:claudiaalima1969@gmail.com)

produzir narrativas. Tomando-se por base as leituras da Teoria do Narrador de Walter Benjamin; que entende a narrativa como troca de experiências e como prática social que pressupõe interlocução; voltamos nosso olhar para a importância do processo de reconhecimento do sujeito sobre si mesmo e no pertencimento a um determinado grupo social, pois a “constituição do sujeito” é o princípio da narração. Para entender o narrador; que vive em meio aos contrastes da contemporaneidade como sujeito histórico, social, integrado numa cultura e numa forma de vida e que faz uso de diferentes linguagens e formas de expressão de suas ideias e histórias; partimos das proposições de teóricos da pós-modernidade. Tal análise possibilitará um melhor entendimento dos processos de mudança social e do impacto das frentes tecnológicas na produção das narrativas contemporâneas dos grupos sociais da região do Recôncavo da Bahia<sup>3</sup>.

Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a compreensão da capacidade narrativa e a expressão do conteúdo dramático contido em cada linguagem. É esta característica cultural, de contraposição do tradicionalismo (modo de pensar e agir do homem) ao modernismo marcante, por exemplo, pela penetração dos meios de comunicação (televisão, rádio, internet, computador/informática, telefone, e câmeras fotográficas e de vídeo), com o que este texto irá se confrontar e meditar sobre a mudança das narrativas e em seus suportes.

Situamos nossos estudos sobre a questão da leitura e da produção textual no âmbito da Análise do Discurso (AD) na vertente dedicada à investigação do dispositivo social de circulação dos textos, buscando levantar quais tipos circulam, em quais espaços, épocas e em quais suportes, temas e gêneros relacionados a lugares e ao sujeito. Para isso, nos apoiamos na Teoria da AD, postulada por Mikhail Bakhtin, que entende o diálogo como todas as formas de comunicação verbal e nas concepções de Luiz Antônio Marcuschi sobre os Gêneros Textuais.

Este estudo é originário das observações sobre uma experiência em sala de aula em componentes da área de Produção Textual nas graduações do Campus V da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Santo Antônio de Jesus, iniciada em 2009. Esta experiência fez nascer o que denominamos Método Narrativo, cujas bases

---

<sup>3</sup> O Recôncavo é uma região situada na parte posterior da formação côncava da Baía de Todos os Santos, onde estão localizados cerca de 37 municípios, sendo a maioria de pequeno porte, cuja população vive principalmente do comércio, da pesca, da agricultura de subsistência e dos serviços públicos.

metodológicas se amparam nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de Língua Portuguesa e que tem nos auxiliado a conduzir nossas práticas pedagógicas. Nesta comunicação nos restringimos a fazer uma breve análise das reflexões sobre as amostras iniciais, que nos levarão à construção de algumas hipóteses sobre o problema levantado.

### **Tempo da narrativa: a contemporaneidade**

A singularidade da Era da Informação transformou a comunicação na atividade principal deste final de século, transformando a televisão, o computador e a telefonia celular em símbolos mais presentes nas sociedades atuais. O avanço tecnológico imprimiu o nascimento de uma “cultura” produzida em série e voltada para uma padronização e assimilada pelos grupos sociais, que segundo os teóricos da escola de Frankfurt como Adorno e Horkheimer (1982) fez surgir a chamada Indústria Cultural voltada para as grandes populações ou massas. O desejo de participar deste novo mundo e a impossibilidade dos indivíduos de estarem presentes em todos os lugares e em todos os eventos deram impulso à troca de informação através dos mass media, que passaram a exercer o papel de mediadores dos acontecimentos e se tornaram responsáveis pela transmissão da história e da cultura por meios artificiais.

Estas mudanças ocorridas nas sociedades com a introdução da eletrônica e da informática vêm permitindo ao narrador atual fundir recursos de composição, mistura, sobreposição e empilhamento de procedimentos diversos, sejam eles antigos ou modernos, sofisticados ou elementares, tecnológicos ou artesanais, com as fontes mais variadas como literatura, foto, cinema, teatro, desenho, vídeo ou texto. A quantidade de informações externas que chegam a este sujeito contemporâneo o torna um ser de múltiplas identidades, algumas vezes contraditórias e provisórias.

Enquanto no modernismo havia uma aversão à tecnologia e ao mercado, e uma valorização do indivíduo, onde eram eleitos 'gênios' e representantes da cultura, no pós-modernismo emergiu uma onda de universalização e de nivelamento, onde não há "profetas nem visionários". Na pós-modernidade o homem perde a centralidade, a estabilidade, o equilíbrio e a identidade unificada desde a modernidade e se vê diante de contradições, como: a fragmentação em contraposição à unidade, desordem em contraposição à ordem, o particularismo em contraposição ao universalismo, o sincretismo em contraposição ao holismo, a cultura popular em contraposição à alta

cultura e o localismo em contraposição ao globalismo. Este homem pós-moderno é um indivíduo isolado, exilado ou alienado, que perde os laços com seu grupo, ou etnia, e com seu lugar de nascimento; o que o leva ao enfraquecimento dos costumes, das tradições e das manifestações culturais populares de origens mais regionais, e em contato com outras culturas se fragmenta e pluraliza sua identidade. Agora ele está misturado a uma multidão sem rostos em meio a uma metrópole anônima e impessoal, em que a interação e o diálogo face a face deixam de existir, em contraposição ao desejo da existência de uma língua comum no mundo global.

As constantes inovações tecnológicas e as mudanças introduzidas pelos novos meios em nossas formas ordinárias de pensar, fazer e interagir foram responsáveis pela configuração de novos ambientes de sociabilidade, justificando assim a preferência da população por códigos, configurações gráficas, desenhos, ilustrações e, por conseguinte, pela televisão, cinema, fotografia e internet. Com isso, o conhecimento passou a ser transmitido às novas gerações, cada vez menos através dos discursos dos mais velhos para os mais novos. Iniciando assim o esfacelamento das relações entre as gerações, graças ao processo de apagamento das memórias e da extinção das velhas práticas de expressão e de manifestações populares localizadas; como consequência os anciões, depositários das vivências do grupo, tornaram-se inúteis. Walter Benjamin preocupado com a aceleração destes processos alertou sobre a importância da manutenção de laços com as formas antigas de relacionamentos comunicacionais interpessoais, em que a experiência passada de pessoa a pessoa era a fonte a que recorreram todos os narradores, diz ele: “contar histórias é a arte de contá-las de novo, e esta arte se perde quando as histórias não são mais conservadas, ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (BENJAMIN, 1994, p.198).

Tendo a função de registrar e manter a memória de um povo, a narrativa, principalmente a oral, põe em circulação suas histórias e tradições. Contudo, na atualidade a televisão tomou para si o papel dos grandes narradores, nela se ouvem histórias advindas da aldeia global; a cada instante os relatos tradicionais, orais e dos feitos dos heróis de cada povo vão se apagando. Nas sociedades tradicionalmente orais a cadeia de transmissão do conhecimento é feita a partir da palavra, que representa a verdade e o testemunho, nelas a memória é altamente valorizada. A oralidade não se limita a contos, nem aos relatos míticos ou históricos, refere-se ao homem em sua totalidade, pois é ciência, conhecimento, religião, ofício, história e divertimento. Este poder de transmissão através da palavra oral vem sofrendo rupturas ocasionadas

principalmente pela sociedade que assume a escrita, o documento visual ("tátil"), e mais recente o digital (virtual) como novas formas de expressão e de certificado da verdade.

As instituições midiáticas iniciaram um processo de socialização dos saberes e passaram a reproduzir as experiências e os rituais de cultura das comunidades; como resultado, novas propostas narrativas emergiram junto a um narrador adaptado às exigências da contemporaneidade que começou a fazer uso das novas tecnologias. Observando como o cinema e a fotografia começaram a influenciar as narrativas contemporâneas Benjamin menciona:

Porque, se uma das funções econômicas da fotografia é alimentar as massas com certos conteúdos que antes ela estava proibida de consumir- a primavera, personalidades eminentes, países estrangeiros-atraves de uma elaboração baseada na moda, uma de suas funções políticas é a de renovar, de dentro, o mundo como ele é - em outras palavras, segundo os critérios da moda. [...] Também aqui, para o autor como produtor o progresso técnico é um fundamento do seu progresso político (BENJAMIN, 1994, p.129).

Mesmo utilizando-se da democratização do saber como argumento, a mídia tem sido auxiliar no desenfreado consumo de peças e modelos de vida moderna e da superabundância dos signos do modelo hegemônico. Este modelo, que espalha a ideia de ocidentalização do mundo por meio da globalização, ignora as características locais, culturais e sociais de cada país e de cada região e também os elementos que funcionam como estrutura de sustento do indivíduo (as raízes, a cultura e a ideologia).

O processo de globalização sugere simultaneamente duas imagens da cultura. A primeira imagem pressupõe a extensão de uma determinada cultura até seu limite, o globo. As culturas heterogêneas tornam-se incorporadas e integradas a uma cultura dominante, que acaba por cobrir o mundo inteiro. A segunda imagem aponta para a compressão das culturas - contato e justaposição. As culturas umas sobre as outras, se empilham, sem princípios óbvios de organização - processo de conquista e unificação do espaço global. O mundo transforma-se num espaço singular, domesticado, um lugar onde todos tornam-se assimilados a uma cultura comum (FEATHERSTONE, 1996, p. 21).

A unificação do espaço levou o homem a novas geografias e espaços sócio-culturais, e como consequência ocorreu um rompimento ou o seu distanciamento com suas raízes. Poderíamos pensar num retrocesso àquele homem nômade que buscava descobrir o mundo selvagem, inóspito, um viajante sem sede própria, mas agora carregado de experiências e em busca de um sentido de mundo, de uma satisfação na sociedade contemporânea, ou seja, uma completude que as marcas do tempo apagaram. Porém, em sua estrutura contraditória o homem pós-moderno ao mesmo tempo em que aceita os símbolos da cultura de massa não perde por completo sua identidade regional,

não abandona sua individualidade e sua cultura local, por isso vem buscando alternativas para sublimar as limitações diante da imposição de novas formas de representação das tradições. Destacamos como exemplo algumas manifestações do interior do Nordeste (maracatu, bumba-meu-boi, forró, festas e quadrilhas juninas), que se solidificaram ao usar a estética imposta pelos mass media, ganhando contornos estéticos estilizados para atingir o padrão de consumo global.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (...) Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada": as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança (HALL, 1998, 51-58).

Falar da ameaça de extermínio de culturas de sociedades que vivem afastadas da modernidade é questionar também o potencial de transformação e de resistência que acontece na base da existência destas sociedades. Hoje prega-se a união da cultura popular da região, com as artes eruditas e contemporâneas, nas quais os elementos culturais ultrapassam as barreiras tradicionais. Diante desta abordagem e questionado sobre quais tipos de pessoas são as vítimas mais fáceis da manipulação por parte da mídia, o linguista Noam Chomsky respondeu:

Não conheço nenhum estudo sério a respeito, mas é possível que os setores mais instruídos tendam a ser os mais profundamente doutrinados. Se isso for verdade, não será muito surpreendente. Afinal, eles são os administradores doutrinados, e são poucas as pessoas que conseguem mentir conscientemente; o padrão usual é que se adotem as crenças que servem a nossos interesses. Ademais, esses setores são sujeitos a muito mais propaganda, em função do fato de serem instruídos. O sistema de ensino de elite também tende a selecionar as pessoas para a obediência; aquelas que não se encaixam nesse padrão muitas vezes são excluídas, de muitas maneiras (Folha de São Paulo- 1997, p.11).

Geograficamente, politicamente e socialmente a população do Recôncavo da Bahia encontra-se na periferia dos grandes centros urbanos, portanto, excluída dos avanços tecnológicos. No entanto, a urbanização aliada ao fenômeno da globalização avança os interiores, obrigando comunidades distantes das metrópoles a se adequarem ao mercado hegemônico que gira em torno dos meios de comunicação e da tecnologia. Tal evento vem promovendo a passagem das sociedades tradicionais às sociedades modernas, o que leva a "perda" da identidade originária destes indivíduos e mudanças na autenticidade de suas tradições culturais. Por não possuírem noção do poder de

desfragmentação identitária promovida pela indústria cultural os narradores carregam em seus textos de forma inconsciente os arquétipos mitológicos e as formações simbólicas destas novas identidades.

Algumas manifestações tradicionais e típicas de sociedades orais vêm se extinguindo e perdendo seus sentidos nas atuais gerações e modos de vida contemporâneos, é o caso de alguns cânticos indígenas ou *benzeções* das rezadeiras. Contudo, por não se afastarem totalmente do convívio com seus antepassados, outras sociedades mantêm o vocabulário, as variantes linguísticas, o sotaque de seus pares e a identidade matricial. Por algum fenômeno ou explicação, certas manifestações populares, gêneros textuais, músicas, danças, cantigas, formas de alimentação, costumes se eternizam, se atualizam e se mantêm vivos de gerações para gerações como forma de resistência, a exemplo da Literatura de Cordel, que está cada vez mais rica, estudada e atual. Sublimando questões políticas, teóricas e técnicas, sua popularização chega ao ápice de vermos filmes e séries como *Auto da Compadecida* e a *Novela Cordel Encantado*, serem transmitidos pela Rede Globo de Televisão. Com base nos preceitos de Stuart Hall observamos que a Indústria Cultural vem incorporando esta manifestação de cunho altamente popular e regional, porque ela pode ser reformulada e reintroduzida na sociedade contemporânea. Assim, a Literatura de Cordel ganha contornos de produto de consumo por que está sendo valorizada pela cultura de massa.

Mesmo acreditando que todos os elementos sociais partilham de um mesmo conformismo, como ‘homens-massa ou homens coletivos’, por pertencerem sempre a um determinado grupo e da própria concepção de mundo, António Gramsci (1981) aborda o senso comum como um potencial transformador e gerador de mudanças, pois ele corresponde espontaneamente às condições reais de vida da população e de sua expressão social. Para Gramsci o homem, mesmo que seja simples e popular, pelo simples fato de que fala, e, portanto, de possuir uma linguagem, de participar do senso comum e de aderir a uma religião é filósofo e possui uma concepção do mundo, ainda que não consciente e acrítica.

A concepção de mundo de uma época não é filosofia deste ou daquele filósofo, deste ou daquele grupo de intelectuais, desta ou daquela grande parcela das massas populares: é uma combinação de todos estes elementos, culminando em uma determinada direção, na qual sua culminação torna-se norma de ação coletiva, isto é, torna-se história completa e concreta (GRAMSCI, 1981, p.12).

Podemos verificar tal culminação na forma como se deu o povoamento do Recôncavo pelos indígenas, portugueses e africanos, dentre outros, que contribuiu para a complexidade étnico-cultural da região, também verificada em todo o país. Esta revela ser berço do sincretismo religioso presente em cultos católicos unidos aos de religiões africanas de maneira natural, a exemplo da confraria da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira. A cultura dos africanos que vieram para o Brasil está ligada ao culto dos orixás e caboclos, à capoeira e uma rica culinária, já a cultura portuguesa está presente nessa manifestação cultural por meio da viola, do pandeiro e da língua utilizada nas canções. Apesar desta rica densidade cultural e do Estado da Bahia comportar 6 universidades públicas; sendo 4 delas estaduais e 2 federais, dessas instituições de ensino 3 estão situadas no Recôncavo; hoje, mais de 1,1 milhão da população baiana é analfabeta (IBGE, 2010), já o percentual de analfabetismo na região do Recôncavo ultrapassa a faixa dos 12%. Com base nisso podemos afirmar que nestas sociedades a produção de espaço-tempo está quase totalmente baseada na memória humana associada ao manejo da linguagem (oral e visual), portanto, é imprescindível a análise de fatores multidisciplinares que levam ao entendimento sobre a forma de narrar destas populações.

Nosso desafio agora é entender os usos linguísticos e as interações virtuais representadas pelos meios de comunicação, e assim, verificar as condições de aprendizagem, de conhecimento, cultura, lei, política governamental destas comunidades e fazer surgir novas propostas de direções e de novos programas educacionais baseados em campos acadêmicos diversificados, onde a educação interdisciplinar e a pluralidade cultural devem integrar todos os campos relacionados ao conhecimento identificando o lugar e o papel da cultura regional no ensino.

### **As experiências do narrador contemporâneo**

O impacto causado pelos meios de comunicação nas sociedades levou Walter Benjamin a decretar o fim da narrativa, uma vez que estes meios não se adequavam ao formato oralizado e presentificado da narrativa original. Os antigos processos de transmissão das narrativas não combinavam com a produção de informação e de histórias em larga escala industrial, pois o saber que vinha de longe e as experiências vivenciadas eram transmitidos pelo narrador-viajante aos pequenos grupos de pessoas que se juntavam para ouvir as histórias e posteriormente reproduzi-las aos outros

membros da sociedade, mantendo assim um ritual narrativo, que para Benjamin resumiu como: “a memória é musa da narração, cadeia da tradição” (BENJAMIN, 1987, p. 211).

Por se tratar de um impulso primitivo do homem, a arte de narrar é uma atividade inerente à existência humana. Independente do tempo e do espaço, o exercício de “contar histórias” permite aos indivíduos organizarem a experiência cotidiana e o conhecimento acerca do mundo, possibilitando a construção de interpretações e sentidos sobre as coisas e a realidade da vida. Através das dramatizações e da exteriorização dos conflitos a narrativa tem um efeito tranquilizador na vida dos humanos, pois sublima as dores e a angústia da experiência de viver, por isso os gêneros, em sua maioria os narrativos, nascem da imaginação e envolvem histórias cômicas, tristes ou absurdas, histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos reais ou ficcionais. Não se vive a experiência sem que ela não seja narrada. A relação entre vida e narrativa também é tratada por Bakhtin no manuscrito *O autor e herói na atividade estética* (1920-1923), para ele viver é um processo incessante e contínuo que significa tomar uma posição em relação a valores (BAKHTIN, apud FARACO, 2009, p.22).

Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente e no decorrer de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal (p.293) (BAKHTIN, apud FARACO, 2009, p.76).

O conflito atual relacionado com a habilidade humana de narrar histórias é evidenciado num trecho do filme *O Mundo Imaginário do Dr. Parnassus* (direção e roteiro de Terry Gilliam, Sony Pictures, 2009) em que o personagem vivido por Christopher Plummer é um imortal contador de histórias que viaja pelo mundo numa espécie de “carroça-teatro” itinerante. Mesmo frustrado pelo fato do mundo não precisar mais de seus contos ele reconhece a importância da narrativa: “Ninguém pode impedir que a história seja contada. Em algum lugar há alguém contando uma história, um conto, um romance”. Tal ênfase também permeia a concepção benjaminiana a respeito de uma experiência coletiva que necessita ser contada e escutada, “Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (Benjamin, 1987, p. 204).

Benjamin sempre reforça que a experiência é a base de toda narrativa, o que a faz parte do processo de compreensão do mundo e da realidade. O sentido de mundo se

dá a partir da interação de indivíduos de uma sociedade através de mecanismos de articulação da vida coletiva e dos processos de lutas, quando nos momentos em que as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades. Os indivíduos agem de acordo com sua história de vida e com seu estoque de conhecimentos quando atribuem significados à sua ação sobre os fatos do dia-a-dia. Portanto, são nas práticas sociais; como diálogos, discursos, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, cultura; e na comunicação que nascem concepções de mundo 'abrangentes e unitárias'. E para se expressar, a sociedade utiliza a arte, a ciência, a linguagem, como forma de conhecimento e de interação social presentes principalmente nas narrativas.

Numa perspectiva textual-interativa compreendemos a língua como um sistema simbólico desenvolvido em contextos comunicativos presente numa atividade sociointerativa que visa um objetivo comum, ou seja, produzir sentidos, identidades, e experiências. Tal atividade acontece em momentos e espaços adequados e envolve domínios discursivos dos seus falantes que se expressam por meio de diferentes gêneros e tipos textuais, dos mais formais aos informais. Estes Gêneros, segundo Marcuschi, são agrupamentos de textos encontrados no dia-a-dia, que apresentam características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição e materializados em algum suporte.

(...) é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística. Em consequência, estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros, tal como lembra muito bem Bakhtin (1979), mas não infinitos (MARCUSCHI, 2008, p.154).

Com isso, Marcuschi pontua que há um número limitado de possibilidades de gêneros textuais a serem utilizados, pois, o sujeito não está dissociado de seu contexto social e histórico e de sua linguagem, desta forma manterá o uso de certos gêneros tradicionais. Tal limite influencia também na criação dos textos, isto é verificado na presença da intertextualidade, quando os textos ou discursos se originam ou fazem referências a outros. Neste sentido ele avalia que não existe um gênero ideal para o ensino da língua, o que os PCNs sugerem é um maior conhecimento do funcionamento

dos Gêneros Textuais para a produção e para a compreensão de textos presentes na vida dos indivíduos. Além disso, há que se considerar a existência de uma enorme lacuna entre a variação falada e a variação escrita, portanto, nenhum método de ensino da língua pode ser eficiente se desprender-se de seu interlocutor e não levar em consideração que o ato de produção de um texto obedece a certos princípios. O educador deverá tomar ciência da competência textual-discursiva dos indivíduos e assim fazer com que tal competência funcione ainda melhor (MARCUSHI, 2008, p.81).

### **Cordel no Recôncavo: ecos de uma narrativa**

A partir das repercussões causadas pelo emprego das narrativas como um dos diferentes gêneros aplicados em componentes da área de Leitura e Produção Textual, nas graduações do Campus V da UNEB, adotamos como prática-pedagógica do ensino de Língua Materna (LM) o Método Narrativo. Este conta com a influência filosófica da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire que promove a articulação e a mediação da construção, apropriação e socialização do saber com a perspectiva de consciência crítica da sociedade em que é dada ênfase a um saber construir com o conhecimento. Para o educador é imprescindível a existência de um processo participativo de investigação/intervenção que leve à produção de mudanças no sentido de tornar os indivíduos sujeitos livres e capazes de tomar decisões e implementarem ações sobre a realidade (FREIRE, 1996).

Os levantamentos iniciais do nosso *corpus* objeto de estudo, ou seja, os diversos produtos de criação dos alunos, já contam com produções, impressas e/ou digitais, de nove turmas distintas, dos semestres acadêmicos da UNEB no período de 2009.1 a 2010.2, dos cursos de Língua Portuguesa e Literaturas, Língua Inglesa e Literaturas, Língua Espanhola e Literaturas, Administração de Empresas e Geografia. Nas quais foram selecionados alguns temas como: Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna; Os Maias, de Eça de Queiroz; Os Sertões, de Euclides da Cunha; Mauá- o Imperador e o Rei, filme de Sérgio Resende; Seu Zinho- cordelista de Varzedo; Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira.

Uma análise preliminar deste levantamento (ver p. 18) nos leva a evidenciar que o subgênero narrativo mais utilizado por nossos sujeitos de estudo é a Literatura de Cordel. Tais resultados têm nos conduzido a pensar em quatro prováveis hipóteses para posteriores investigações: 1ª. as práticas escolares da região estimulam a produção

textual desta literatura; 2<sup>a</sup>. na região existe uma forte resistência das tradições culturais passadas de gerações a gerações, principalmente pela oralidade; 3<sup>a</sup>. a indústria cultural absorveu esta literatura popular como de massa, por isso populariza o uso destas narrativas; 4<sup>a</sup>. o conjunto de todas as hipóteses acima mencionadas são representativas da realidade local. Esta última talvez envolva as postulações de Gramsci sobre as concepções de mundo nas culturas quando afirma que “sua culminação torna-se norma de ação coletiva” (GRAMSCI, 1981, p. 12). Tais possibilidades nos levaram a desenvolver um estudo, usando como técnica a observação participante, através do uso de entrevistas semi-estruturadas e questionários com perguntas abertas e fechadas. Ao término da etapa exploratória, de catalogação e organização dos dados será desenvolvida uma investigação descritiva dos materiais registrados. No final, descreveremos as práticas narrativas destes indivíduos residentes na região do Recôncavo da Bahia, destacando-se as múltiplas variáveis dos roteiros/caminhos traçados pelos grupos na construção da estrutura narrativa, e o foco/enfoque narrativo escolhido e de seus gêneros e seus diferentes suportes.

Ao analisar previamente nosso *corpus* estamos verificando que os indivíduos oriundos da região do Recôncavo são conhecedores, conscientes ou não, da Literatura de Cordel, que é um símbolo da identidade nordestina. Isto nos leva a refletir que embora se adaptem às mudanças e aceitem a comunicação via telefonia móvel e via internet, vivendo as mudanças de seu tempo, estes jovens mantêm suas raízes fincadas no passado de seus ancestrais, não abandonando determinadas narrativas seculares. Trazidas pelos colonizadores, essas narrativas originárias da região da Península Ibérica acabaram se incorporando à cultura popular brasileira, principalmente a da Região Nordeste. Suas características peculiares foram formadas deste o período da Idade Média: como sensibilidade estética com inspiração na observação dos antigos, perspectivas alegóricas carregadas de simbolismo do sagrado, no qual Deus se manifesta em todas as coisas sensíveis, ordena e dá sentido à sociedade. Outra evidência da forte influência destes povos na formação da cultura brasileira e no imaginário temático do Cordel, são os poemas dos Trovadores e das novelas de cavalaria; cujos motes giravam em torno de romances, duelos e brigas dos cavaleiros, dos combates entre vilões e heróis, raptos de donzelas e final feliz.

Segundo Câmara Cascudo (CASCUDO, 1976, p.36) este gênero literário popular oral passou a ser impresso em folhetos rústicos e a abordar também episódios históricos, fatos do cotidiano e lendas. Por possuir uma linguagem mais acessível e permitir o uso

das variantes linguísticas do povo brasileiro, e ainda por abordar assuntos da realidade de muitos nordestinos, o consumo e a assimilação da literatura de cordel em meios sociais populares tem crescido nas últimas décadas e ultrapassado as fronteiras regionais. Destacamos que não fazemos distinção entre o homem do povo e o intelectual de gabinete no momento da elaboração poética, pois ambos utilizam os mesmos instrumentos: palavras, inspiração e técnicas e obedecem aos mesmos esquemas no ato da criação, pois os versos não são produzidos de forma espontânea, instintivamente, sem estudo, sem lucidez intelectual. Talvez as principais distinções estejam nas formas de reprodução de cada uma e nos espaços de criação, pois normalmente os versos surgem na hora do trabalho, na lida com a terra, em conversas entre amigos ou mesmo num sono que não chega.

O motivo principal para despertar nosso interesse em desenvolver estudos sobre estas escolhas se deu pela opção de forma espontânea e o entusiasmo de muitos grupos de alunos em trabalhar com essa categoria literária. Merece relevância aqui a experiência com os discentes do Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas 2010.1. Estes demonstraram grande interesse na construção da releitura do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. De enredo muito simples com grafia, correção gramatical e estilística dentro dos “padrões” clássicos, a obra de Ariano apresenta personagens que ilustram a sociedade nordestina da época, num contexto de crítica, humor e criatividade. Suassuna, assim como outros autores populares, utiliza diferentes manifestações populares como (cordel, bumba-meu-boi, mamulengo) em combinação com o texto erudito com forte influência de Cervantes, Molière, Gil Vicente, Shakespeare e até da Bíblia e os transforma em narrativas com versos populares acessíveis, sem plagiar a obra original, sem perder de vista o enredo projetado pelo autor da obra adaptada.

Aos alunos inicialmente foi requisitada a produção de um texto descritivo, no qual deveriam relatar em detalhes as principais características que definiriam um dos personagens do Auto da Compadecida. Passada essa primeira etapa da construção textual, foi dada a continuidade ao trabalho escolhendo uma forma de recontar a história criada por Ariano, estes poderiam usar diferentes linguagens e os variados meios e suportes de publicação. Dos resultados obtidos foram criados: uma rádio novela, uma história com fantoches, uma peça teatral, um jornal dramatizado e a apresentação de um purgatório moderno. O que mais chamou a atenção é que, apesar dos alunos estarem divididos em diferentes equipes, a maioria dos trabalhos acabou tomando um mesmo

rumo: o uso desta literatura para expor suas criatividade e seguiram um caminho trilhado por Ariano, chegando às origens de suas narrativas, o Cordel.

É interessante frisar o sentimento de curiosidade, participação e empenho que os alunos demonstraram ao trabalhar na rerepresentação desta obra, se dispostos a estudar desde o contexto histórico até a criação da peça. Alguns já estavam conscientes, outros ainda eram leigos no que se diz respeito à importância deste gênero narrativo para o desenvolvimento cultural do Recôncavo Baiano.

Retomando o trabalho com a turma durante o semestre seguinte, já em outro componente curricular, desta vez Estudos dos Textos Populares, foi conduzida uma produção mais aguçada, fazendo os alunos conhecerem mais profundamente sobre a Literatura de Cordel. O resultado final levou a uma apresentação teatral com todas as produções dos alunos organizadas em um único texto: **O Auto em Cordel**, obedecendo a métrica, a multiplicidade de rimas e o encadeamento de ideias divididas em estrofes. Apesar de não seguir um sistema de versificação de linguagem proveniente aos poetas renomados e apresentar pequenos erros gramaticais, o que não lhes ofusca o mérito, a peça proporcionou uma oportunidade de demonstrar a capacidade intelectual e criativa dos alunos de Letras.

Outra surpresa, revelada principalmente pela plateia presente no momento da apresentação, foi a junção do Cordel ao uso de recursos digitais mostrados em cena. No trecho que representa o diálogo entre a Compadecida, João Grilo, Jesus Cristo e o Encourado; usou-se da tecnologia como fonte de criação ao retratar um cyber onde os personagens estavam conectados através do MSN (ver p. 17)<sup>4</sup>. Sem perder o foco principal de retratar a obra de Suassuna, e aproveitando o ensejo para homenageá-lo, os alunos se aprofundaram em pesquisar as influências deste subgênero, trazendo para o palco características marcantes do texto original e da visualizada no filme sob direção de Guel Arraes. Entre elas: figurino a caráter, personagens com as mesmas nomações, cenário retratando a época e o local em que acontece o enredo, músicas regionais, e os Cordéis com o texto que estava sendo apresentado, pendurados em um cordão.

Com isso, podemos vislumbrar também que a narrativa criada por estes alunos ecoa traços do sujeito narrativo contemporâneo e este se agrega às novas formas de expressão sem perder de vista sua identidade. Se uma dada população escuta um locutor

---

<sup>4</sup> MSN significa Microsoft Network, programa de conversação instantânea. A sigla, no entanto, não se refere só ao programa (Messenger), mas também a uma série de iniciativas da companhia na internet, entre elas um portal de conteúdo e entretenimento.

falando sobre os problemas de sua comunidade haverá interesse por parte dela em ouvir tais informações e acompanhar a evolução dos acontecimentos. Desta forma, acreditamos que os *mass media* fazem parte do cotidiano dos sujeitos, pois em sua maioria colaboram na produção dos conteúdos e ao mesmo tempo consomem os produtos gerados e impulsionados pela Indústria Cultural. As narrativas trazidas pelo narrador fazem parte do convívio humano e da sua natureza de querer abstrair-se de seu mundo solitário, para muitas vezes ficar protegido em seu mundo imaginário.

### **Considerações finais**

O método proposto tem demonstrado ser uma ferramenta eficaz no estímulo de produções textuais dos alunos e nos conduzido a pensar que a língua, assim como pensa Marcuschi, não deve ser ensinada como se esta não pertencesse ao indivíduo falante, pois devemos apresentar propostas localizadas que funcionem. Verificamos também que, ao ganhar um propósito sócio-comunicativo, os textos dos alunos extrapolam o mero objetivo de instrumento de verificação de nota. O texto se transforma num mecanismo sociocomunicativo ativo de realização do indivíduo no processo de difusão de idéias e intervenções artísticas. Ele passa a pertencer ao meio universitário e chega a ultrapassar as barreiras intersocietárias. Isto leva-nos a crer que a palavra e o discurso tomam um novo significado e que a experiência narrativa só necessita de um sinal inicial para ganhar mundo afora.

Outra questão a ser analisada é a de que não há gêneros mais adequados ou menos adequados para o ensino de Língua Materna em sala de aula, nosso papel enquanto professores é o de oferecer aos alunos um número variado de opções para que estes apliquem suas habilidades discursivas ao gênero que melhor exerça sua função social dentro da comunidade onde ele atua. Os meios de comunicação eletrônicos oferecem possibilidades, principalmente para os mais jovens que são atraídos pelo “maravilhoso” mundo virtual, pois têm permitido que os indivíduos das regiões interiores partilhem do momento atual em seu tempo e espaço. Com isso, há um deslocamento dos espaços e dos tipos narrativos, pois, a musa da narrativa (a memória) e a cadeia da tradição não mais pertencem aos indivíduos, e sim aos imensos bancos de dados digitais.

Além de serem vistos como uma forte ferramenta pedagógica, por meio de sua postura interdisciplinar, os recursos tecnológicos, principalmente da internet, são um

dos principais meios de comunicação utilizados atualmente, e vêm demonstrando ser de forma sistemática uma possibilidade de recurso nas diversas formas de se narrar uma história, por isso necessita de uma intervenção seja para seu uso como linguagem ou como suporte. Vislumbramos nestes narradores do Recôncavo resquícios do que Benjamin chama de narrador tradicional, aquele viajante e ou aquele que conhece as histórias e tradições de seu país, que nutre suas narrativas a partir das experiências de sua vida e da vida dos outros, e assim faz ecoar as narrativas passadas e atuais.

Os meios e os suportes se adéquam às experiências e às necessidades narrativas, talvez por isso, a opção por cordel seja indícios, de que mesmo diante de diversas opções clássicas ou tecnológicas, os indivíduos do Recôncavo, em sua maioria, melhor expressam suas idéias por meio destas tradicionais, populares, medievalescas, ricas narrativas poéticas e de linguagem altamente associada à oralidade, comum entre jovens e populações ágrafas, que possuem ainda o amparo linguístico-discursivo para se manterem vivas.

Vivemos a multiculturalidade devido a complexidade do mundo em que vivemos. Resta-nos concluir então que o ser humano é mutável e capaz de ser multicultural, porém também é resistente e o apego ao enraizamento e ao tradicionalismo servem para nos localizar enquanto indivíduos e sociedades socialmente organizadas, mas que estas a qualquer instante podem se oxigenar, se misturar em intercâmbios que estão aquém das políticas e das fronteiras geográficas. E assim também o são as narrativas.

## **Referências**

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **A Indústria Cultural: o Iluminismo como mistificação de massas.** In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ARRAES, Guel. **O Auto da Compadecida.** São Paulo: Globo Filmes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1)

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio: INL. Brasília 1978.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna: Introdução às Teorias do Contemporâneo**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da Cultura – Globalização, Pós-Modernismo e Identidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

Folha de São Paulo. **Entrevista com Noam Chomsky**. Caderno 5 p. 11 9. Mais! , mar 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**, 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GILLIAM, Terry. **O Mundo Imaginário do Dr. Parnassus**. E.U.A:Sony Pictures, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

Fundação Instituto de Geografia e Estatística - Censo 2010

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo – A lógica cultural do Capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: AGIR, 1997.



**Tabela do Levantamento das narrativas produzidas**

<b>Turma</b>	<b>Disciplina/Tema</b>	<b>Equipes</b>	<b>Gênero</b>	<b>Subgêneros</b>	<b>Título</b>	<b>Suportes</b>
1.Vernáculos I 2009.1	Leitura e Produção de Texto Tema: Os Maias, Eça de Queiroz	1 Janderson	Narrativo	Narrativa moderna	Os Malas	Word
		2. Jaqueline Nunes	Narrativo	Narrativa moderna	Os Maias	Word
2.Espanhol I 2009.1	Aspectos históricos culturais em LM Tema: Cordelista Seu Zinho (Varzedo)	1.Luize	Narrativo	Expositivo	Seu Zinho	Vídeo e PPT
3. Inglês III 2009.1	Aspectos históricos culturais em LM Tema: Irmandade da Boa Morte (Cachoeira)	1.Aline	Narrativo	Dissertativo e Cordel	A Irmandade	Revista-Fotos
		2.Ivani	Narrativo	Dissertativo	Irmandade da Boa Morte	Revista-Fotos
4.Administração 2009.2	Português Instrumental Tema: Mauá: o Imperador e o Rei do Brasil, filme de Sérgio Resende	1.Diangeles	1. Narrativo	Narrativa moderna	O Mauá	Word
			2. Épico- lírico-cômico	Paródia Musical	Garçom (Reginaldo Rossi)	Power Point
		2.Joaquim	Épico-lírico	Cordel	O Mauá	Power Point
5.Geografia 2009.2	Interpretação e Produção de textos Tema: Os Sertões, de Euclides da Cunha	1.Camila	Épico-lírico	Repente	Os Sertões	Cantado
		2. Joelia	Lírico-satírico	Cordel	Os sertões	Cantado
		3.Liliane	Épico-lírico	Poesia	Mitos de Tudo um forte	Cantado
		4.Letícia	Dramático	Narrativo	Os Sertões	Fotos
		5. Matheus	Narrativo-cômico	Narrativo (Diálogo)	As vacas do Sertão	Narrado
6.Vernáculos I 2010.1	Leitura e Produção de textos Tema: Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna	1.Rebeca	Lírico-satírico	Cordel	Purgatório moderno	Power point
		2.Vanilda	Dramático-cômico	Peça teatral em cordel	O sumiço do Grilo	Dramatização
		3.Jocelma	Dramático-cômico	Teatro	Auto da compadecida	Dramatização
		4.Joelma	Dramático-cômico	Novela	O julgamento	Rádio novela
		5.Ravena	Dramático-cômico	Teatro	Conto do Auto	Teatro -fantoche
7.Vernáculos II 2010.2	Estudos de Textos Populares Tema: Auto da Compadecida	1.Vanilda e et.al	Lírico-satírico	Cordel	Auto em cordel	Dramatização
8.Vernáculos VI 2010.2	Estudos de Textos Populares  Tema: O semestre	1.Samile	Lírico-satírico	Cordel	O danado do SIP	Word
		2.Uilson Campos	Lírico-satírico	Cordel	Apagão do Nordeste	Word
		3.Nadia Santos	Lírico-satírico	Cordel	Apagão do NE	Word
		4.Amanda Oliveira	Lírico-cômico	Cordel	Turma vernácula	Word
		5.Dielle Reis	Lírico-satírico	Cordel	O cordel	Word
		6.Carla Luana	Lírico-satírico	Cordel	O Monstro da inflação	Word
		7.Manuel Lapa	Lírico-cômico	Cordel	A trajetória do SIP	Word
9.Vernáculos II 2010.2	Seminário Interdisciplinar de Pesquisa Tema: Cordelista Cuíca de Santo Amaro	1.Vanilda Pereira	Argumentativo	Expositivo (e Cordel)	Ideologia no Cordel de Cuíca de Santo Amaro	Seminário- PPT